

CONSTRUIR, HABITAR: A CASA MEDIEVAL

MANUEL SÍLVIO ALVES CONDE

CONSTRUIR, HABITAR: A CASA MEDIEVAL

MANUEL SÍLVIO ALVES CONDE



CONSTRUIR, HABITAR:
A CASA MEDIEVAL

MANUEL SÍLVIO ALVES CONDE



CONSTRUIR, HABITAR: A CASA MEDIEVAL

MANUEL SÍLVIO ALVES CONDE

MANUEL SÍLVIO ALVES CONDE

Professor Auxiliar, com Agregação, do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores. Investigador do Centro de Estudos Históricos e do CITCEM. Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestre em História Medieval pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, concluiu o Doutoramento em História na Universidade dos Açores e a Agregação em História na Universidade Nova de Lisboa. Autor dos livros *Tomar medieval. O espaço e os homens* (1996), *Horizontes do Portugal medieval. Ensaios históricos* (1999), *Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média* (2 volumes, 2000), *O hospital medieval do Espírito Santo de Sesimbra e a assistência caritativa portuguesa* (2004), colaborador das obras (dirigidas por José Mattoso) *História da vida privada* (2010) e *Historiography of Medieval Portugal c. 1950-2010* (2012), co-editor (com Iria Gonçalves) dos *Tombos da Ordem de Cristo*, vol. 2 - *Comendas do Médio Tejo* (2005) e vol. IV - *Comendas do Noroeste* (2008), director de *Media Aetas* (1.ª e 2.ª séries, desde 1999). O seu campo de investigação abrange temas de história urbana, urbanismo e património urbano, confraternidade e assistência caritativa, história rural, organização do espaço e paisagem, construção e habitação corrente, história do quotidiano.



CONSTRUIR, HABITAR: A CASA MEDIEVAL

MANUEL SÍLVIO ALVES CONDE



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

Título: Construir, habitar – A casa medieval

Autor: Manuel Sílvio Alves Conde

Figura da capa: *Livro de Horas de D. Fernando*, fl. 2 v. (Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, IL. 13).

Foto: Divisão de Documentação Fotográfica / Instituto dos Museus e da Conservação

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Livro publicado pelo projecto DOMUSiberOMa, financiado pela Secretaria Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamento dos Açores

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-97558-4-0

Depósito Legal: 341104/12

Concepção gráfica: SerSilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Braga, Dezembro 2011

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	11
Capítulo I	
A habitação e a arquitectura corrente do Norte Trasmontano, em finais da Idade Média	17
Capítulo II	
Construções rústicas e urbanas do Médio Tejo nos séculos XV-XVI	69
Capítulo III	
Tipologias, materiais e técnicas construtivas na casa comum das cidades do Vale do Tejo, em fins da Idade Média	95
Capítulo IV	
A casa urbana comum, no Alentejo dos séculos XV-XVI	119
Capítulo V	
As gentes da construção na sociedade medieval portuguesa	147
Capítulo VI	
Materiais e técnicas de construção na arquitectura rural do Médio Tejo, em finais da Idade Média	165
Capítulo VII	
Alterações estruturais e superficiais na construção corrente urbana do Ocidente Peninsular em fins da Idade Média	179
Capítulo VIII	
A habitação corrente nos finais da Idade Média: morfologias, materialidades, funcionalidades	203
Bibliografia	237

... uma casa é a coisa mais séria da vida
(Ruy Belo, *Aquele grande rio Eufrates*)

À memória dos meus pais, Maria e António.
A todos os que estão na minha vida, e são da minha casa.

PREFÁCIO

IRIA GONÇALVES

Um abrigo contra as intempéries e outros perigos envolventes, sobretudo os que a noite mais propiciava e escondia, um espaço de tranquilidade e descanso foi anseio comum a todos os homens e mulheres ao longo dos tempos. Uma casa. Uma habitação. Maior ou menor, mais requintada e confortável ou mais rústica e desprovida mas, de qualquer modo, uma casa.

Atento que deve estar um historiador a tudo quanto é marca deixada pelos antepassados e que, como tal, pode ajudar a compreender, tão ampla e diversificadamente quanto possível, quais foram as condições de vida desses antepassados, como se desenrolaram as suas existências, como se relacionaram uns com os outros, o que produziram ou destruíram, o que receberam dos seus próprios maiores ou o que legaram às gerações posteriores, numa escala de prioridades que muitas vezes é – tem que ser – estabelecida pela qualidade e volume daquelas marcas mas que, sempre que possível, o deverá ser pela importância do objecto de análise, fácil é perceber como o estudo da casa conviria que fosse um assunto a não desprezar, antes a valorizar e a iluminar com toda a luz possível e nos variados aspectos que a ela se prendem.

No que à época medieval se refere é certo que, entre nós, há muito a habitação atraiu os olhares dos historiadores desde que Costa Lobo, no início do passado século, lhe dedicou algum cuidado em páginas pioneiras e que ainda guardam todo o seu interesse. Mas esses olhares foram fugazes e na altura não suscitaram continuadores. Só muito mais tarde, já na década de sessenta, Oliveira Marques lhe dedicou também alguma atenção, tendo-nos legado páginas do maior interesse sobre o tema. É certo que, mais recentemente, várias monografias que elegeram o espaço – rural e sobretudo urbano – como objecto de análise historiográfica não deixaram de abordar mais ou menos detidamente alguns dos aspectos relacionados com a habitação. Podem, naturalmente, carrear-se nessas obras bastantes informações a permitirem o esboço de um quadro mais completo. Mas poucos têm sido os medievalistas portugueses a elegerem a morada como tema específico da sua investigação.

Ao lado de Maria da Conceição Falcão Ferreira, que com toda a justiça deve ser lembrada, neste caso, é Manuel Sílvio Alves Conde um desses poucos medievalistas.

É já um labor de vários anos este que Sílvio Conde tem dedicado ao estudo da habitação medieval. Um labor que tive o prazer de acompanhar desde o seu início, que me foi muito grato ver como se ia desenvolvendo em várias direcções de modo a abarcar o maior número possível de facetas em que a temática se desenrola, sempre, como é timbre do autor, com todo o rigor científico, com toda a seriedade, com toda a solidez, fazendo apelo a um alargado leque de fontes que, como sempre, o autor estuda minuciosamente e utiliza com mestria, e a que aplica metodologias sempre bem adequadas e por vezes até inovadoras. E que complementa com vasta e actualizada bibliografia.

Reunidos agora em volume único textos dispersos por diversas revistas da especialidade e actas resultantes de encontros científicos, esses textos formam um livro que nos dá a conhecer como era e como funcionava a casa medieval. Ensina-nos as técnicas de construção e mostra-nos os materiais que nela eram utilizados; diz-nos da sua implantação no terreno, da sua volumetria, da área que ocupava ou podia disponibilizar; aponta-nos a sua divisão em compartimentos – ou não –, as suas aberturas, a sua rusticidade como também os elementos de conforto que a tornavam mais aconchegada e acolhedora. Mas explica-nos também quais as suas múltiplas funcionalidades, sugere-nos como seria utilizada quer se tratasse da pequena casa unicelular das gentes mais humildes ou da grande moradia dos possidentes, desdobrando-se, esta, em salas e câmaras várias, crescendo em altura por sobreposição ao andar térreo de um ou mais sobrados, de modo a destacar-se, pela sua elevação, das vivendas terreiras do povo comum.

Tem assim o leitor, nas sua mãos, um mundo de temas dentro de um tema único, por isso a formarem um conjunto muito coerente e expressivo. Um conjunto que, agora, reunido numa mesma obra e por isso de consulta e comparação muito fáceis, se tornará, estou certa disso, muito útil para todos os medievalistas interessados em assuntos para os quais a compreensão da moradia, urbana como rural, tenha alguma relevância. Para eles será um livro de leitura obrigatória. Para todos quantos alimentam alguma curiosidade acerca do nosso passado medieval – as nossas mais genuínas raízes – este livro abrirá horizontes, despertará, estou certa disso, salutares interesses. E até um eventual leitor à partida mais desatento não ficará decepcionado. Encontrará uma escrita clara, límpida, fluente, que lhe proporcionará, para além do mais, algumas horas de leitura agradável.

Para mim, amiga desde há muitos anos do autor, interessada, como investigadora, nos assuntos aqui trabalhados é um enorme prazer ter a oportunidade de saudar com este prefácio a publicação da obra que agora vem a lume.

Que ela frutifique, para bem do medievalismo português.

Lisboa, Dezembro de 2011.

INTRODUÇÃO

Reúno neste livro oito textos significativos da minha produção científica na primeira década deste milénio. Cinco deles foram escritos no âmbito de projectos de investigação em que participei: o projecto “Paisagens rurais e urbanas entre a Idade Média e os Tempos Modernos. Fontes para o seu estudo”, dirigido por Iria Gonçalves, e o projecto “A casa da Ibéria ocidental e da Macaronésia”, de que fui responsável.

A publicação num único volume de sete textos dispersos por actas de encontros científicos, no País e no exterior, e de um ainda inédito, consagrados à mesma temática – a casa medieval – procura sobretudo proporcionar aos alunos um acesso fácil aos mesmos, mas poderá também servir aos colegas e amigos que os demandam e, porventura, a profissionais de outras áreas e a um público mais amplo, interessados pelas questões da construção e da habitação.

Para esta edição, normalizaram-se graficamente os textos, cortou-se uma ou outra pequena redundância e realizaram-se pontuais intervenções ortográficas ou sintácticas. Entendi não ir além disto, tendo em conta o contexto da sua produção, assinalado em nota junto a cada título e que o leitor deverá ter em conta. A possibilidade de proceder a actualizações foi considerada, mas concluí pela manutenção dos textos originais, com as respectivas notas infrapaginais e referências bibliográficas, sem prejuízo da inserção de uma ou outra nota, apresentada entre parêntesis rectos, nos casos em que o pensamento actual do autor diverge do que foi anteriormente escrito e naqueles em que se verificaram alterações de cotas arquivísticas. Atendendo ao natural interesse do leitor em encontrar referências bibliográficas actualizadas, optei por eliminar as bibliografias originalmente apenas a alguns dos textos e apresentar, no final, uma bibliografia temática actualizada.

A organização do volume teve em conta a natureza dos textos: análises de base regional (os quatro primeiros); abordagem de temas específicos (os três seguintes), um texto de carácter geral (o último).

Os quatro textos da primeira secção perspectivam as questões da construção e da habitação em âmbitos regionais variados: os meios urbanos e rurais do Norte Trasmontano e do Médio Tejo, as cidades do Vale do Tejo e do Alentejo. Os espaços considerados foram escolhidos de acordo com prioridades de pesquisa, tendo em conta quer o conhecimento acumulado pelos investigadores de história urbana, quer os trabalhos já elaborados ou em curso, respeitantes à casa¹. São diversos os seus âmbitos temáticos: uns contemplam a abordagem da morfologia, materialidade e funcionalidade da casa urbana comum, enquanto outros consideram também a moradia rústica e as suas adjacências e um deles aprecia outrossim a habitação senhorial (paços, *domus fortis* e casa-torre) e as construções especializadas (de armazenamento, de transformação, assistenciais e estalagens). Um dos textos procura ainda apreciar os efeitos da escala urbana no quadro evolutivo da casa, nos vários aglomerados de uma mesma região.

Na segunda secção, a construção é entrevista a partir de três perspectivas diferentes. O primeiro dos textos foca as gentes da construção, seja a composição do grupo socioprofissional e o peso relativo deste no quadro da população activa urbana, seja a organização profissional de carpinteiros e pedreiros e as suas relações com os poderes, seja, por último, o seu estatuto socioeconómico. Estudam-se, depois, os diversos materiais e técnicas construtivos – a pedra, a terra, os materiais vegetais e os metais – num quadro onde se percebe não tanto um contraste civilizacional, mas sobretudo arquitecturas integradoras ou opções – económicas, culturais – entre as alternativas possíveis no quadro local. O terceiro texto pondera as transformações da casa dentro dos processos evolutivos das urbes dos finais da Idade Média: verticalização, novas tipologias arquitectónicas, novas exigências técnicas e materiais impondo-se nas áreas urbanas mais dinâmicas, forçando a periferização das artes de construir tradicionais.

A terceira secção é constituída por um texto de síntese relativo às morfologias, materialidades e funcionalidades da casa comum dos finais da Idade Média. Dada a natureza didáctica do texto – trata-se da lição que apresentei, em provas de Agregação, realizadas em Junho de 2004 na Universidade Nova de Lisboa – foi construído com um aparato erudito bastante leve, compensado pela listagem bibliográfica anexa, que, um tanto ampliada, serviu de base à bibliografia proposta no final do volume.

A casa medieval, ou melhor, a casa dos finais da Idade Média é aqui apreciada em torno de dois eixos problemáticos essenciais: construir e habitar.

¹ Em particular os produzidos, com objectivos e metodologias semelhantes, por Iria Gonçalves, Conceição Falcão e Luísa Trindade.

Para o poeta Ruy Belo, uma casa é “a coisa mais séria da vida”. É certo que a habitação, a arquitectura de uma sociedade não se reduz à casa. Mas, seguindo a excelente metáfora de Isac Chiva², ela está para a sociedade como o caroço/núcleo (*noyau*) está para o fruto e para a árvore, pois contém o que lhe permite reproduzir-se.

Em todos os tempos, os grupos humanos experimentaram a necessidade de encontrar um abrigo, uma concha protectora, que os poupasse dos perigos e das inclemências da natureza. Desde os tempos mais remotos, demandaram alguma dobra do território e exerceram sobre ela um esforço de adaptação para convertê-la em espaço habitacional. Depois, cuidaram de construir, isto é, produzir, as suas habitações, recorrendo a materiais variados, recolhidos na natureza, juntando-os em formas determinadas, segundo um dado projecto, recorrendo para tal a técnicas e instrumentos por si concebidos³. O termo latino *constructio* ‘construção, estrutura’ foi usado pelos retóricos no sentido de ‘sintaxe’: os materiais construtivos/as palavras não seriam meros amontoados sem nexos, haviam de ser organizados em obediência a uma regra/sintaxe.

O étimo latino de habitar, *habito*, é um frequentativo de *habeo*, expressão de enorme riqueza semântica. Habitar denota ‘ter, possuir, ser, estar senhor de, conter, encerrar, abranger, exibir’, habitual e repetidamente.

A estrutura habitacional criada pelos homens, a casa, revelar-se-ia um elemento essencial no esforço de domínio da natureza por aqueles. O abrigo construído, cenário de vida quotidiana e de reprodução biológica (e cultural) da espécie, transfigurou-se, no fluir dos tempos e na diversidade dos espaços. Por vezes, tornou-se mais complexo e assumiu novas dimensões materiais e imateriais. Facultou segurança e conforto, mas também albergou actividades produtivas e serviços, conteve alimentos e bens acumulados. Tornou-se princípio organizador de sociedades elementares, mas também de sociedades complexas, congregando grupos humanos e projectando-os no devir (casa/família, casa/linhagem), afirmou-se como pessoa moral, detentora de um domínio composto de elementos materiais (bens móveis e imóveis) e imateriais (nome, crenças, tradições, memória), perpetuando-se pela transmissão desse património através das gerações, continuando-se e renovando-se pela filiação e pela aliança⁴. Adquiriu uma dimensão cenográfica, converteu-se em suporte de comunicação com o exterior, sinal de distinção social e cultural.

² Isac CHIVA, “La maison: le noyau du fruit, l’arbre, l’avenir”, in *Terrain 9 - Habiter la maison* (1987), pp. 5-9.

³ François VALLA, *L’homme et l’habitat: L’invention de la maison durant la préhistoire*, Paris, 2008.

⁴ Cf. Claude LÉVI-STRAUSS, “La notion de maison”, *Paroles données*, Paris, 1984, pp. 189-191 ; Idem, “La notion de maison. Entretien avec Claude Lévi-Strauss, par Pierre Lamaison”, in *Terrain 9 - Habiter la maison* (1987), pp. 34-39.

O esforço, que tenho partilhado com uns poucos mais⁵, de aprofundar o conhecimento da casa medieval – de que aqui exponho alguns resultados – tem a sua razão de ser essencial na circunstância de a casa, as artes de construir e as maneiras de habitar servirem para *pensar* a sociedade a que pertencem⁶. Microcosmo da sociedade, a casa, urbana ou rural, comum ou qualificada, é profundamente reveladora daquela, dos espaços e dos tempos em que se ergueu e perdurou.

A construção/colectânea que vos apresento é imperfeita e frágil. Os materiais com que a fui erguendo – textos, imagens, estruturas habitacionais e objectos do quotidiano – são incertos, ora quase mudos, ora desvirtuados. Mas são o que temos, o que resistiu à usura dos tempos, à incúria dos homens, à depredação. Fruto de uma selecção, em que mais facilmente perdurou o que era forte, belo e valioso, em desfavor do que era frágil, feio e pobre. A conservação diferencial dos vestígios do passado obliqua, tantas vezes, a nossa leitura dos mesmos. O desaparecimento de contratos de obra, de livros de contas, de inventários de bens móveis, a pobreza da iconografia ou os silêncios dos textos são obstáculos severos ao esclarecimento de tantos temas, que o investigador tem de superar, através de metodologias adequadas. Não obstante tais escolhos, muito poderemos decerto fazer, através do comparativismo com áreas europeias e mediterrânicas possuidoras de uma documentação mais rica ou de persistências arquitectónicas mais indicativas, da aplicação do método regressivo, do recurso aos dados da etnografia, de um trabalho renovado, mais sistemático, de exploração das fontes textuais e iconográficas existentes. Mas importará, sobretudo, que a arqueologia urbana se enraíze e procure responder àquilo que os textos omitem e que os “arquivos do subsolo” dos espaços rurais em vias de desertificação sejam igualmente revelados, para que tantos aspectos relativos à casa rural, hoje obscuros, possam finalmente ser esclarecidos.

Por último, devo assinalar o meu reconhecimento àqueles cujo apoio tornou possível a publicação deste livro. À Direcção Regional da Ciência e Tecnologia / Secretaria Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos dos Açores, pelo financiamento do projecto DOMUSiberOMa, incluindo a presente edição. Ao CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», pela inclusão deste livro no seu plano editorial; em especial, ao Francisco Mendes, colega e amigo de sempre, pela disponibilidade demonstrada e pelo grande

⁵ Veja-se o recente balanço historiográfico relativo aos temas do quotidiano: Manuel Sílvio Alves CONDE, “The history of everyday life (1950-2010)”, in José Mattoso (dir.), *The historiography of Medieval Portugal c. 1950-2010*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/FCSH, no prelo.

⁶ Tenha-se presente o conhecido ensaio de Martin HEIDEGGER, “Bâtir, habiter, penser”, in *Essais et conférences*, reed., Paris, 2004, pp. 170-193.

empenho com que acompanhou este projecto. À Universidade dos Açores e ao seu Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, pelo apoio concreto em vários aspectos que permitiram quer a elaboração dos textos aqui presentes, quer a preparação desta colectânea.

São muitas as dívidas de gratidão que acumulei, ao longo da década em que estes textos foram sendo elaborados.

Para com os meus Mestres, Iria Gonçalves, José Mattoso e o saudoso A. H. de Oliveira Marques, por quanto com eles tenho aprendido, pelo rigor e elevado grau de exigência, pelo humanismo, pela confiança e incentivo. Para com Santiago Jiménez Gómez, pelas portas que me abriu em Santiago de Compostela, pelo vigor problematizante, pela constante solicitude.

Para com Luís Krus, pelo especial desvelo e pertinentes observações com que acompanhou a construção dos primeiros textos deste conjunto, num diálogo fecundo que os deuses interromperam, levando-o tão prematuramente para junto de si; Conceição Falcão, pelo companheirismo nestas demandas; Marina Vieira, co-autora do primeiro dos textos desta colectânea, pela frutuosa troca de ideias (e de leituras), pela atenta leitura crítica de muitas destas páginas, na sua primeira versão, pelo incentivo; Isabel Albergaria, pelos intercâmbios de opiniões e materiais relativos aos temas da construção e da habitação.

Para com os Amigos – tantos, que seria impossível nomeá-los aqui – que acompanharam a elaboração destes textos, contribuindo, com críticas e sugestões, para a sua melhoria; os que generosamente me facultaram preciosas indicações arquivísticas ou bibliográficas; os que tornaram possível a apresentação e o debate públicos dos textos aqui apresentados e os que participaram criticamente nesse debate; os que – e em particular os meus Alunos —, de tantas formas, têm manifestado interesse por estes temas e atenção aos meus trabalhos.

Todos eles estão na minha vida, e são da minha casa.

Por último, para com a Família, os que privam de perto comigo, para quem tantas vezes o trabalho significa menor disponibilidade minha; e que persistem em dar-me o que têm de melhor.

Bem-hajam!

